

HIPERCONEXÃO E EDUCAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA DA MODERNIDADE LÍQUIDA DE ZYGMUNT BAUMAN

DOI: 10.5281/zenodo.17490484

Gracielle Almeida de Aguiar¹

RESUMO

O texto aborda as reflexões de Zygmunt Bauman sobre a modernidade líquida e suas implicações para a educação na era da hiperconexão. Bauman descreve um mundo marcado pela fluidez e fragilidade dos laços humanos, intensificada pelo uso excessivo de tecnologias digitais, que promovem conexões superficiais e efêmeras. Autores como Byung-Chul Han, Sherry Turkle e Bernard Charlot complementam essa análise, destacando os impactos da alienação e do individualismo nas relações sociais e no processo de aprendizagem. O artigo discute os desafios da educação em tempos de hiperconexão, como a cultura do descarte e a fragmentação do conhecimento, e propõe caminhos para uma educação crítica e emancipatória, baseada no diálogo, na reflexão e na construção de vínculos significativos. A tecnologia, quando utilizada de forma ética e responsável, pode ser uma aliada na promoção de uma formação alinhada com valores como liberdade, solidariedade e sustentabilidade global.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Palavras-chave: Educação. Hiperconexão Modernidade líquida. Zygmunt Bauman

ABSTRACT

The text addresses Zygmunt Bauman's reflections on "liquid modernity" and its implications for education in the era of hyperconnection. Bauman describes a world marked by the fluidity and fragility of human bonds, intensified by the excessive use of digital technologies, which promote superficial and ephemeral connections. Authors such as Byung-Chul Han, Sherry Turkle and Bernard Charlot complement this analysis, highlighting the impacts of alienation and individualism on social relationships and the learning process. The article discusses the challenges of education in times of hyperconnection, such as the throwaway culture and the fragmentation of knowledge, and proposes paths for a critical and emancipatory education, based on dialogue, reflection and the construction of meaningful bonds. Technology, when used ethically and responsibly, can be an ally in promoting training aligned with values such as freedom, solidarity and global sustainability.

Keywords: Education. Hyperconnection Liquid modernity. Zygmunt Bauman

1. INTRODUÇÃO

A contemporaneidade é marcada por transformações profundas nas estruturas sociais, culturais e tecnológicas, que reconfiguram as formas de interação humana e os processos educativos. Nesse cenário, as reflexões de Zygmunt Bauman sobre a "modernidade líquida" oferecem um arcabouço

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

teórico relevante para compreender os desafios enfrentados pela educação na era da hiperconexão. Bauman (2001) descreve um mundo em que as relações sociais, as identidades e as instituições tornam-se cada vez mais fluidas, efêmeras e desprovidas de solidez, em um contexto de acelerada transformação tecnológica e globalização. Esse fenômeno, que o autor denomina de "liquidez", tem implicações diretas para a educação, especialmente no que diz respeito à fragilização dos laços humanos e à reconfiguração dos processos de ensino e aprendizagem.

A educação, como espaço de formação humana e social, enfrenta desafios inéditos em um mundo hiperconectado. A tecnologia, embora promova a instantaneidade e a ampliação das redes de comunicação, também evidencia a fragilização dos laços sociais, tema central nas reflexões de Bauman. Essa fragilização é intensificada pelo uso excessivo de dispositivos eletrônicos, que medeiam as interações humanas e redefinem as formas de aprender e ensinar. Nesse contexto, é fundamental recuperar as contribuições de autores clássicos que discutem as relações entre educação, tecnologia e sociedade, tais como Paulo Freire, Edgar Morin, Manuel Castells, e Bernard Charlot, cujas reflexões enriquecem a compreensão dos dilemas contemporâneos da educação.

Paulo Freire (1996), em *Pedagogia da Autonomia*, defende uma educação crítica e emancipatória, que promova a autonomia e a capacidade de intervenção no mundo. Para Freire, a educação deve ser um processo dialógico, onde educadores e educandos aprendem juntos, em um movimento de construção coletiva de conhecimento. Essa perspectiva é particularmente relevante em um contexto de hiperconexão, onde a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

tecnologia pode ser utilizada para ampliar as possibilidades de diálogo e colaboração, desde que integrada a uma prática pedagógica que valorize a experiência humana e a construção de vínculos significativos.

Edgar Morin (2000), em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, argumenta que a educação deve promover uma "ecologia dos saberes", que integre diferentes formas de conhecimento e valorize a complexidade do mundo contemporâneo. Para Morin, a educação deve ser um espaço de diálogo e reflexão, onde os estudantes possam desenvolver uma visão crítica e integrada da realidade. No entanto, em um contexto de hiperconexão, o desafio é superar a fragmentação do conhecimento e promover uma aprendizagem que valorize a profundidade e a reflexão crítica.

Manuel Castells (2009), em *A Sociedade em Rede*, discute como a tecnologia redefine as estruturas de poder e as formas de produção de conhecimento, criando novos desafios para a educação formal. Castells argumenta que a sociedade em rede é marcada pela fluidez e pela volatilidade, características que se refletem nas práticas educativas e nas formas de interação entre educadores e educandos. Nesse sentido, a educação precisa se reinventar para promover uma aprendizagem significativa, que vá além da mera transmissão de informações.

Bernard Charlot (2000), em *Da Relação com o Saber*, enfatiza a importância das relações intersubjetivas no processo de aprendizagem. Para Charlot, o saber não é apenas uma aquisição cognitiva, mas também uma construção relacional, que depende da interação entre sujeitos. Nesse sentido, a fragilização dos laços humanos na era digital representa um desafio

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

significativo para a educação, uma vez que compromete a construção de vínculos essenciais para a aprendizagem significativa.

Sendo assim, este artigo tem como objetivo analisar, a partir das contribuições teóricas de Zygmunt Bauman e de outros autores que dialogam com suas ideias, os desafios e as possibilidades da educação em um mundo hiperconectado. Para tanto, propõe-se uma reflexão crítica sobre como a fragilidade dos laços humanos, intensificada pelo uso excessivo de dispositivos eletrônicos, impacta a formação de indivíduos autônomos, críticos e solidários. Além disso, busca-se discutir como a educação pode se reinventar para promover uma formação alinhada com os valores de liberdade, diferença, solidariedade e sustentabilidade global, em sintonia com os pressupostos éticos e políticos defendidos por Bauman.

2. METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em uma revisão bibliográfica crítica, que articula as principais obras de Zygmunt Bauman com contribuições de outros autores que discutem as interseções entre educação, tecnologia e sociedade. A revisão bibliográfica é um método amplamente utilizado na pesquisa acadêmica, especialmente em estudos de cunho teórico e reflexivo, como o presente trabalho. Segundo Gil (2002), a revisão bibliográfica permite ao pesquisador mapear, analisar e sintetizar o conhecimento já produzido sobre um determinado tema, oferecendo um panorama abrangente e crítico das discussões existentes. Esse método mostra-se eficaz por permitir a identificação de lacunas teóricas, a construção de diálogos entre diferentes autores e a proposição de novas perspectivas de análise.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

Uma das principais vantagens da revisão bibliográfica é a possibilidade de integrar contribuições de diversos autores, construindo um diálogo interdisciplinar que enriquece a compreensão do objeto de estudo. Como destacam Severino (2007) e Lakatos e Marconi (2003), a revisão bibliográfica não se limita à mera descrição das obras consultadas, mas implica em uma análise crítica e reflexiva, que busca identificar convergências, divergências e possibilidades de síntese. Nesse sentido, a revisão bibliográfica crítica permite ao pesquisador situar-se no debate acadêmico, contribuindo para a construção de conhecimento de forma fundamentada e consistente.

Para este estudo, foram selecionados textos que abordam a modernidade líquida, a fragilidade dos laços humanos e a crise das instituições, bem como estudos contemporâneos que exploram o impacto das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem. A análise foi estruturada em três eixos centrais: 1) a fragilização dos laços humanos na era digital; 2) os desafios da educação em tempos de hiperconexão; e 3) as possibilidades de uma educação crítica e emancipatória. Além de Bauman, foram incorporadas as perspectivas de autores como Byung-Chul Han, Sherry Turkle, Manuel Castells, Paulo Freire, Bernard Charlot, e Edgar Morin, cujas reflexões enriquecem a discussão sobre os dilemas da educação na contemporaneidade.

Ressalta-se que a escolha desses autores se justifica pela relevância de suas contribuições para o debate sobre educação, tecnologia e sociedade. Zygmunt Bauman, com sua análise da modernidade líquida, oferece um arcabouço teórico fundamental para compreender as transformações sociais e culturais da contemporaneidade. Byung-Chul Han e Sherry Turkle

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

complementam essa análise ao discutir os impactos da hiperconexão e da tecnologia nas relações humanas. Manuel Castells contribui com sua reflexão sobre a sociedade em rede e as novas dinâmicas de poder e produção de conhecimento. Paulo Freire, Bernard Charlot e Edgar Morin, por sua vez, oferecem subsídios valiosos para pensar uma educação crítica, reflexiva e emancipatória, em sintonia com os desafios do mundo contemporâneo.

A revisão bibliográfica foi conduzida em três etapas principais. Na primeira etapa, foram identificadas as obras fundamentais de Zygmunt Bauman e dos demais autores selecionados, com foco nos conceitos de modernidade líquida, fragilidade dos laços humanos e educação. Na segunda etapa, foram analisados estudos contemporâneos que discutem o impacto das tecnologias digitais no ensino e na aprendizagem, com o objetivo de contextualizar as reflexões de Bauman no cenário atual. Por fim, na terceira etapa, foram construídos diálogos entre as diferentes perspectivas teóricas, buscando identificar convergências, divergências e possibilidades de síntese.

A análise crítica das obras selecionadas permitiu identificar três eixos centrais de discussão, que orientam a estrutura deste artigo. O primeiro eixo aborda a fragilização dos laços humanos na era digital, discutindo como o uso excessivo de dispositivos eletrônicos impacta as relações sociais e os processos educativos. O segundo eixo analisa os desafios da educação em tempos de hiperconexão, com foco na cultura do descarte, no individualismo e na fragmentação do conhecimento. O terceiro eixo explora as possibilidades de uma educação crítica e emancipatória, discutindo como a tecnologia pode ser utilizada de forma ética e responsável para promover

uma formação alinhada com os valores de liberdade, diferença, solidariedade e sustentabilidade global.

Sendo assim, a revisão bibliográfica crítica, como método de pesquisa, oferece inúmeras vantagens para o desenvolvimento de estudos teóricos e reflexivos. Segundo Minayo (2001), esse método permite ao pesquisador situar-se no debate acadêmico, identificando as principais contribuições teóricas e as lacunas existentes. Além disso, a revisão bibliográfica crítica possibilita a construção de diálogos interdisciplinares, que enriquecem a compreensão do objeto de estudo e abrem novas perspectivas de análise. Nesse sentido, este estudo busca contribuir para o debate sobre educação e tecnologia, articulando as reflexões de Zygmunt Bauman com as contribuições de outros autores relevantes, e apontando caminhos para uma educação mais humana, crítica e emancipatória.

3. DISCUSSÃO

3.1. Fragilização dos Laços Humanos na Era Digital

A obra de Zygmunt Bauman (2001) oferece uma análise profunda sobre a fluidez e a volatilidade das relações humanas na modernidade líquida. Segundo o autor, as interações sociais tornaram-se cada vez mais descartáveis, marcadas pela superficialidade e pela falta de compromisso. Bauman utiliza a metáfora da "liquidez" para descrever um mundo em que as relações, identidades e instituições perdem sua solidez, tornando-se efêmeras e instáveis. Esse fenômeno é intensificado na era digital, onde as tecnologias de comunicação promovem conexões amplas, mas muitas vezes efêmeras e

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

desprovidas de profundidade emocional. As redes sociais, por exemplo, permitem que as pessoas se conectem instantaneamente, mas essas conexões são frequentemente caracterizadas pela brevidade e pela falta de engajamento emocional. Como resultado, as relações humanas tornam-se cada vez mais frágeis, marcadas por uma sensação de desconexão e solidão, mesmo em meio a uma aparente hiperconexão.

Byung-Chul Han (2015), em *Sociedade do Cansaço*, complementa essa análise ao argumentar que a hiperconectividade gera uma "sociedade da transparência", onde as relações são mediadas por uma lógica de exposição e consumo. Para Han, a era digital é marcada por uma cultura do excesso, onde as pessoas estão constantemente expostas e disponíveis, mas raramente estabelecem conexões autênticas. A lógica das redes sociais incentiva a busca por curtidas e compartilhamentos, em detrimento da construção de vínculos significativos. Essa dinâmica tem implicações profundas para a educação, uma vez que a aprendizagem é, em grande parte, um processo relacional, que depende de interações significativas entre educadores e educandos.

Sherry Turkle (2011), em *Alone Together*, também discute como o uso excessivo de dispositivos eletrônicos pode levar à alienação e à dificuldade de estabelecer conexões significativas. Turkle argumenta que a tecnologia, embora promova a sensação de estar sempre conectado, muitas vezes resulta em um sentimento de solidão e desconexão emocional. Para a autora, as interações mediadas por dispositivos digitais tendem a ser mais superficiais e menos satisfatórias do que as interações face a face. Essa superficialidade pode comprometer a capacidade dos indivíduos de estabelecer vínculos

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

profundos e duradouros, o que tem implicações diretas para a educação. A aprendizagem, como um processo relacional, depende de interações significativas e engajadas, que são dificultadas pela fragilização dos laços humanos na era digital.

No campo da psicologia, John Bowlby (1988) contribui para essa discussão com sua teoria do apego, que enfatiza a importância das relações interpessoais para o desenvolvimento humano. Segundo Bowlby, a qualidade das interações precoces influencia a forma como os indivíduos estabelecem vínculos ao longo da vida. No contexto da era digital, a predominância das interações virtuais pode comprometer a construção de vínculos seguros, uma vez que a superficialidade e a intermitência das conexões dificultam o desenvolvimento de relações baseadas na confiança e na empatia. Dessa forma, a fragilização dos laços humanos pode afetar não apenas a vida social, mas também o desenvolvimento emocional e cognitivo dos sujeitos, incluindo seu engajamento no processo educacional.

Lev Vygotsky (2001) também fornece elementos essenciais para essa análise ao destacar a centralidade das interações sociais no desenvolvimento do pensamento e da aprendizagem. Para Vygotsky, o aprendizado ocorre em um contexto de interação, no qual os indivíduos constroem conhecimento por meio do diálogo e da mediação social. No entanto, a era digital tende a enfraquecer essas interações, substituindo o contato direto por comunicações fragmentadas e mediadas por telas. Essa dinâmica pode comprometer o aprendizado, uma vez que reduz as oportunidades de colaboração e de construção conjunta do conhecimento. Além disso, o enfraquecimento dos laços sociais pode impactar a formação da identidade e da autorregulação

emocional, aspectos fundamentais para o desenvolvimento integral do sujeito.

Bernard Charlot (2000), em *Da Relação com o Saber*, enfatiza a importância das relações intersubjetivas no processo de aprendizagem. Para Charlot, o saber não é apenas uma aquisição cognitiva, mas também uma construção relacional, que depende da interação entre sujeitos. Nesse sentido, a fragilização dos laços humanos na era digital representa um desafio significativo para a educação, uma vez que compromete a construção de vínculos essenciais para a aprendizagem significativa. Charlot argumenta que a relação com o saber é sempre uma relação com o outro e que a aprendizagem depende da capacidade de estabelecer conexões autênticas e engajadas. A fragilização desses laços, portanto, pode comprometer a formação de indivíduos capazes de pensar criticamente e agir solidariamente.

Além disso, Erik Erikson (1976), em sua teoria do desenvolvimento psicossocial, aponta que a identidade e a construção do sentido de pertencimento são fundamentais para o bem-estar emocional. O enfraquecimento das interações autênticas na era digital pode comprometer a resolução de crises psicossociais, como a formação da identidade na adolescência, um período em que os indivíduos buscam pertencimento e reconhecimento social. Assim, a educação deve atuar como um espaço de fortalecimento dos laços interpessoais, oferecendo oportunidades para a construção de relações significativas que favoreçam tanto o desenvolvimento emocional quanto o cognitivo.

Diante desses desafios, é fundamental que a educação contemporânea busque resgatar a importância das relações humanas no aprendizado. Isso implica na adoção de metodologias que favoreçam a interação, a cooperação e a construção coletiva do conhecimento. A tecnologia, quando utilizada de maneira crítica e reflexiva, pode ser uma aliada nesse processo, desde que esteja a serviço do fortalecimento das conexões interpessoais e da promoção de uma aprendizagem significativa.

3.2. Desafios da Educação em Tempos de Hiperconexão

A hiperconexão, característica marcante da sociedade contemporânea, transformou profundamente as formas de acesso à informação e as dinâmicas de ensino e aprendizagem. Se, por um lado, as novas tecnologias proporcionam um fluxo incessante de conteúdos e expandem as possibilidades educacionais, por outro, geram desafios significativos para a construção do conhecimento crítico e reflexivo. Nesse contexto, Zygmunt Bauman (2007) alerta para o advento de uma “cultura do descarte”, na qual o conhecimento é tratado como algo transitório e superficial, resultando em um aprendizado fragmentado e efêmero. No ambiente escolar, essa lógica se reflete na dificuldade de engajamento dos estudantes, acostumados ao consumo acelerado de informações e à alternância constante entre diferentes estímulos. A educação, diante desse cenário, enfrenta o desafio de superar a superficialidade promovida pela era digital e resgatar a importância da reflexão e da construção sólida do saber.

A “cultura do descarte”, conforme descrita por Bauman, caracteriza-se pela busca incessante por novidades, em detrimento da assimilação crítica e da

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

ressignificação do conhecimento. Essa dinâmica fomenta uma aprendizagem superficial, na qual os estudantes absorvem informações de maneira rápida e descartável, sem desenvolver conexões significativas entre os conteúdos estudados. A fragmentação da atenção e a falta de aprofundamento tornam-se obstáculos para a construção de um pensamento crítico e estruturado, essencial para a compreensão da complexidade do mundo contemporâneo. Esse fenômeno é potencializado pelas redes sociais e demais ambientes digitais, que incentivam a interatividade instantânea, mas nem sempre promovem um engajamento significativo com o conhecimento.

No âmbito da sociedade em rede, Manuel Castells (2009) argumenta que as tecnologias não apenas modificam as estruturas de poder, mas também redefinem as formas de produção e disseminação do conhecimento. A fluidez e a descentralização das informações são características centrais desse novo paradigma, trazendo tanto oportunidades quanto desafios para a educação formal. Se, por um lado, os recursos digitais possibilitam o acesso democratizado ao conhecimento e promovem a colaboração entre educadores e estudantes, por outro, a volatilidade da informação pode resultar na fragmentação do saber, dificultando a construção de uma visão integrada e contextualizada da realidade.

A crescente digitalização das práticas educativas também pode reforçar o individualismo, na medida em que cada aluno, imerso em seu próprio universo digital, interage com o conhecimento de maneira personalizada e muitas vezes isolada. Esse fenômeno representa um obstáculo à construção de espaços coletivos de diálogo e troca de saberes, elementos essenciais para a aprendizagem significativa. Paulo Freire (1996) enfatiza que a educação

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

deve ser um processo emancipatório, pautado no diálogo e na interação entre sujeitos, para que os indivíduos possam desenvolver sua autonomia e senso crítico. Nesse sentido, o desafio contemporâneo consiste em equilibrar o uso das tecnologias com a promoção de práticas pedagógicas que incentivem a participação ativa dos estudantes e a construção colaborativa do conhecimento. A pedagogia dialógica freireana se mostra, portanto, um referencial fundamental para repensar o papel da tecnologia na educação, orientando seu uso para a ampliação das possibilidades de interação e formação cidadã.

Edgar Morin (2000), ao abordar os desafios da educação no século XXI, propõe a necessidade de uma “ecologia dos saberes”, na qual diferentes formas de conhecimento sejam integradas para oferecer uma visão complexa e interconectada da realidade. No entanto, em tempos de hiperconexão, a fragmentação do saber e a sobrecarga informacional tornam essa tarefa ainda mais desafiadora. A rápida circulação de conteúdos, muitas vezes descontextualizados, pode dificultar a articulação entre diferentes áreas do conhecimento e comprometer a capacidade de síntese e análise crítica dos estudantes. Morin defende que a educação deve se pautar pela compreensão da complexidade do mundo contemporâneo, preparando os indivíduos para enfrentar incertezas e desafios por meio de um pensamento interdisciplinar e holístico.

Diante desse cenário, faz-se necessário repensar as práticas pedagógicas para que a tecnologia não se torne um instrumento de alienação, mas um meio de potencializar a aprendizagem significativa. Para isso, a educação deve priorizar metodologias ativas que estimulem a curiosidade intelectual, o

pensamento crítico e a capacidade de conexão entre diferentes saberes. Estratégias como a aprendizagem baseada em projetos, a educação por investigação e o ensino interdisciplinar podem contribuir para um modelo educacional que resista à superficialidade e promova a reflexão aprofundada.

Portanto, a hiperconexão impõe desafios incontornáveis à educação contemporânea, exigindo um esforço contínuo para equilibrar o acesso à informação com a formação de indivíduos críticos e reflexivos. O excesso de estímulos e a fluidez das informações não podem comprometer a construção do conhecimento significativo, que requer tempo, aprofundamento e diálogo. A educação do futuro, diante desse panorama, deve buscar alternativas para conciliar a inovação tecnológica com a humanização do ensino, promovendo a autonomia intelectual, a construção coletiva do saber e a preparação dos estudantes para atuar em um mundo cada vez mais dinâmico e complexo.

3.3. Possibilidades de Uma Educação Crítica e Emancipatória

Apesar dos desafios impostos pela sociedade hiperconectada, o pensamento de Zygmunt Bauman e de outros teóricos oferece caminhos para a construção de uma educação crítica e emancipatória. No contexto da modernidade líquida, onde os vínculos sociais tornam-se cada vez mais frágeis e efêmeros, Bauman (2008) enfatiza a necessidade de uma ética da responsabilidade, pautada na solidariedade, no compromisso com o outro e na valorização do coletivo. Esses princípios são essenciais para a educação, que deve transcender a mera transmissão de conteúdos e constituir-se como um espaço de reflexão crítica e construção de vínculos autênticos. A partir dessa perspectiva, a escola e demais ambientes de aprendizagem devem

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

atuar como territórios de resistência à lógica do individualismo exacerbado, promovendo a interação dialógica e o engajamento dos sujeitos no processo educativo.

A tecnologia, nesse contexto, pode ser uma aliada fundamental na promoção de práticas pedagógicas inovadoras, desde que seu uso seja orientado por uma abordagem crítica e reflexiva. Henry Jenkins (2006), em *Convergence Culture*, argumenta que as mídias digitais, quando integradas de forma estratégica, podem potencializar a participação ativa dos estudantes na produção de conhecimento, incentivando a criatividade, a colaboração e o pensamento crítico. A cultura da convergência descrita por Jenkins possibilita uma aprendizagem interativa e dinâmica, na qual os estudantes deixam de ser meros receptores passivos de informação e tornam-se agentes ativos na construção do saber. No entanto, para que essa abordagem seja efetiva, é necessário que as tecnologias sejam incorporadas de maneira consciente, alinhadas a uma proposta pedagógica que valorize o aprendizado significativo e a interação entre os sujeitos.

Paulo Freire (1996) oferece um referencial indispensável para o pensamento de uma educação emancipatória, ao enfatizar o caráter dialógico do processo educativo. Para Freire, a educação não pode ser reduzida a uma prática bancária, na qual o professor deposita conhecimentos no aluno de maneira unidirecional; ao contrário, deve ser um movimento de construção coletiva do saber, no qual educadores e educandos aprendem juntos, problematizando a realidade e buscando alternativas para sua transformação. Essa concepção é particularmente relevante na era digital, pois possibilita a ressignificação das tecnologias como instrumentos que favorecem a comunicação, o

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

pensamento crítico e o engajamento social. No entanto, Freire alerta que a tecnologia, por si só, não garante uma educação libertadora: é fundamental que esteja inserida em uma prática pedagógica que valorize a experiência humana, a autonomia intelectual e o fortalecimento dos vínculos sociais.

Essa visão é complementada por Bernard Charlot (2000), que argumenta que a relação com o saber é sempre uma relação com o outro e com o mundo. Segundo Charlot, o conhecimento não pode ser concebido como uma simples acumulação de informações, mas como um processo relacional e significativo, que depende da interação entre sujeitos e da construção coletiva do aprendizado. A educação, nesse sentido, deve atuar como um espaço de encontro e de diálogo, no qual os estudantes possam desenvolver um vínculo significativo com o saber e, ao mesmo tempo, construir uma visão crítica da realidade. Charlot ressalta que o aprendizado não ocorre de maneira isolada, mas em um contexto social que envolve valores, identidades e relações de poder. Dessa forma, a educação precisa ser estruturada de modo a favorecer a participação ativa dos estudantes, promovendo a troca de experiências e o desenvolvimento de uma consciência reflexiva.

Para que a educação cumpra seu papel emancipatório, é necessário superar abordagens meramente instrucionais e adotar práticas pedagógicas que incentivem a problematização da realidade. Metodologias ativas, como a aprendizagem baseada em projetos (ABP), a aprendizagem cooperativa e a educação por investigação, podem contribuir para um ensino mais dinâmico e significativo, no qual os estudantes assumam um papel protagonista na construção do conhecimento. Além disso, a interdisciplinaridade e a

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

contextualização dos conteúdos são essenciais para conectar o aprendizado escolar às questões concretas da sociedade, tornando-o mais relevante e engajador.

A educação crítica e emancipatória, portanto, deve se consolidar como um espaço de resistência às lógicas de superficialidade e individualismo impostas pela modernidade líquida. Isso implica não apenas o uso consciente das tecnologias, mas também o fortalecimento de valores como a solidariedade, a cooperação e o respeito à diversidade. Em um mundo marcado por desafios complexos e incertezas constantes, o papel da educação não se restringe à formação técnica ou instrumental, mas deve priorizar o desenvolvimento de cidadãos críticos, criativos e socialmente engajados. Para tanto, é imprescindível uma abordagem pedagógica que valorize o diálogo, a construção coletiva do saber e a preparação dos estudantes para intervir de maneira ética e responsável na sociedade contemporânea.

4. CONCLUSÃO

As reflexões de Zygmunt Bauman acerca da modernidade líquida constituem um referencial teórico fundamental para a análise dos desafios enfrentados pela educação na contemporaneidade. O cenário atual caracteriza-se pela efemeridade das relações, pela fragmentação das experiências e pela abundância de informações, elementos que contribuem para a dissolução de referências sólidas no processo educativo. A fluidez característica da modernidade líquida reflete-se na maneira como o conhecimento é consumido e descartado, tornando-se frequentemente superficial e

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

desprovido da profundidade necessária para a formação de sujeitos críticos e autônomos. Assim, a educação deve se reconfigurar de modo a resistir à lógica da instantaneidade e da obsolescência do saber, promovendo um aprendizado que favoreça a reflexão, a criticidade e o compromisso ético com a transformação social.

Bauman destaca que, na sociedade contemporânea, a cultura do consumo não se restringe aos bens materiais, mas se estende às experiências, às relações interpessoais e, conseqüentemente, ao conhecimento. Nesse contexto, a educação enfrenta o desafio de romper com a lógica da superficialidade e criar espaços de aprendizagem que estimulem a complexidade do pensamento, a problematização da realidade e a construção coletiva do saber. A formação educacional não deve se limitar à instrumentalização do indivíduo para o mercado de trabalho, mas deve priorizar o desenvolvimento de uma consciência crítica e engajada, capacitando os sujeitos a lidarem com as incertezas e os desafios da sociedade atual.

A esse respeito, é imprescindível superar a passividade na relação com o conhecimento, substituindo a mera acumulação de informações por um processo educativo pautado no diálogo e na reflexão crítica. As contribuições de Paulo Freire reforçam essa perspectiva ao enfatizar a educação como um instrumento de emancipação, no qual os indivíduos deixam de ser meros receptores de conteúdos e passam a ser protagonistas do próprio aprendizado. De igual modo, Bernard Charlot evidencia que a relação com o saber é intrinsecamente ligada à construção da identidade e ao pertencimento

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

social, o que reforça a necessidade de práticas pedagógicas que favoreçam a participação ativa dos sujeitos no processo educativo.

Paralelamente, a crescente incorporação das tecnologias digitais à educação deve ser analisada de forma criteriosa. Embora a tecnologia tenha o potencial de democratizar o acesso à informação, ela também pode contribuir para a intensificação da dispersão, da superficialidade e da cultura da hipervelocidade. Conforme argumenta Sherry Turkle, a hiperconectividade pode comprometer a qualidade das interações humanas e da aprendizagem, enquanto Manuel Castells observa que a sociedade em rede transforma as dinâmicas de produção e circulação do conhecimento, mas não garante, por si só, uma formação crítica e reflexiva. Byung-Chul Han, por sua vez, aponta que a lógica do desempenho e da hiperexposição, características da era digital, têm impacto significativo no esgotamento mental e na dificuldade de concentração, fatores que influenciam diretamente os processos educacionais. Diante desse cenário, a educação deve buscar um equilíbrio entre a utilização das tecnologias e a valorização de práticas pedagógicas que incentivem a introspecção, a criatividade e o aprofundamento reflexivo.

Além da dimensão epistemológica, a educação deve atuar como um espaço de fortalecimento dos laços sociais e de promoção de valores essenciais à convivência democrática, tais como a empatia, a solidariedade e o respeito à diversidade. Em um mundo cada vez mais caracterizado pelo individualismo e pela fragmentação social, torna-se imperativo resgatar a dimensão coletiva do aprendizado, estimulando a cooperação e a construção conjunta do conhecimento. Nesse sentido, Edgar Morin destaca a necessidade de uma abordagem educacional pautada na complexidade, capaz de articular

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

diferentes saberes e de responder de maneira integrada às questões globais que afetam a sociedade contemporânea.

Dessa maneira, a educação no século XXI deve transcender a mera transmissão de conteúdos e consolidar-se como um instrumento de resistência à superficialidade e à descontinuidade características da modernidade líquida. A formação de indivíduos críticos, criativos e socialmente engajados exige um compromisso com práticas pedagógicas que valorizem a autonomia intelectual, a construção de vínculos significativos e a produção de conhecimentos que ultrapassem a lógica da utilidade imediata. Assim, a escola, a universidade e demais espaços educativos devem constituir-se como territórios de reinvenção, nos quais o conhecimento seja compreendido como um elemento essencial à transformação social e ao fortalecimento dos princípios democráticos. Somente por meio de uma educação comprometida com a reflexão será possível enfrentar os desafios impostos pela contemporaneidade e resgatar a função emancipatória do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. Ética pós-moderna. São Paulo: Paulus, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

BOWLBY, John. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

ERIKSON, Erik H. Infância e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Vozes, 2015.

JENKINS, Henry. Cultura da convergência. São Paulo: Aleph, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: Cortez, 2000.

REVISTA TÓPICOS

<https://revistatopicos.com.br> – ISSN: 2965-6672

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TURKLE, Sherry. Alone together: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹ Psicóloga. Mestranda em psicologia na Universidade Federal de Santa Maria-RS. E-mail: gracielleaguiar5@gmail.com